

O teatro jesuítico: o não-teatro dos “cômicos *dell’Arte*”

Magda Maria Jaolino (UFRJ)
GT Teorias do Espetáculo e da Recepção

A “ABRACE 10 anos” convida à avaliação do percurso e perspectivas da instituição, mas também dos caminhos de todos nós, pesquisadores e seus integrantes, desde a sua fundação. Este foi o espaço privilegiado, altamente qualificado, para expor nossos trabalhos e dialogar com os colegas. Portanto, considero oportuno retomar nossas próprias reflexões e repropor aquelas que pareçam apontar caminhos suficientemente férteis para dar continuidade aos nossos estudos.

Sobre o teatro jesuítico, no Brasil da segunda metade do séc. XVI, penso ser possível e necessário liberá-lo da comum identificação, “teatro de Anchieta” e, ao mesmo tempo, substantivá-lo como uma forma de teatro, sem metáforas, frente a tantos estudos que o desconsideram por reputá-lo um “não-teatro”, como se a adjetivação “de colégio” ou “catequético” fizesse dele outra coisa que não fosse um absoluto *O* teatro. Torna-se, portanto, essencial destacar a historicidade do significante “teatro”, a impossibilidade de a ele se referir a não ser de modo plural, como “práticas discursivas e não discursivas” que formam sistematicamente os objetos de que falam, retomando as palavras de Foucault que se tornou um de meus referenciais para situar esta análise.

A Companhia de Jesus é instituída por um discurso controlado por uma série de restrições que age diretamente sobre os sujeitos falantes. Assim, tomamos aqui, de pleno direito, a prática do teatro, por ela desenvolvida, como uma prática discursiva duplamente “assujeitada”. De um lado, pelo pertencimento dos inicianos, enquanto uma Ordem religiosa de tipo particular, com uma sua historicidade, instaurada no chamado “tempo das reformas”¹ (CHANU, 1993), como o que Foucault definiu como uma “sociedade de discurso”, que implica uma socialização singular, regras precisas, em que “o *aprendizado* fazia entrar em um grupo e em um segredo que a recitação manifestava, mas não divulgava”, em que, “entre a palavra e o ouvir, os papéis não eram permutáveis”. Por outro lado, a sua condição católica apostólica romana perfila-os no interior da Igreja militante, fazendo com que se reconheçam os inicianos como portadores da “doutrina”, também esta entendida como um sistema de controle do discurso, em sentido foucaultiano, mas que, ao contrário da “sociedade de discurso”, tende a difundir-se, ligando “os indivíduos a certos tipos de enunciação, para ligá-los entre si, e diferenciar-lhes de todos os outros”. Desse modo, a doutrina efetua “um *dúplice assujeitamento*: dos sujeitos falantes aos discursos e dos discursos ao grupo, pelo menos virtual, dos indivíduos falantes.” (FOUCAULT, 1972: 32 et seq.)

Nesse contexto institucional, apresentar-se-á o teatro como a **prática**, a **interface**, entre os dois dispositivos “opostos”, segundo Foucault, de controle da produção do discurso, pelos dispositivos da “sociedade de discurso” que a Companhia de Jesus também é, e a “disseminação da doutrina”, forma

¹ O autor entende-o de maneira ampla, desde a segunda metade do séc. XIII até a segunda metade do séc. XVI, não aceitando os limites do binômio Reforma/Contra-reforma, ao seu ver, um problema equívocado.

controlada, também de exclusão, mas que amplia o número de sujeitos falantes (sob o controle da Palavra, a doutrina), através da instituição do catecúmeno -ator-orador-cristão e daquela forma singular de teatro. Tal análise, como se vê, compete à História², na condição de vinculá-la ao discurso e ao imaginário.

Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade, na qual o teatro atual pudesse, enfim, se reconhecer. O que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *episteme* (regime de verdade), onde esse teatro jesuítico enraíza a sua objetivação e adjetivação (a sua materialidade). Manifesta-se assim uma história que não é a sua perfeição crescente, mas, antes, a das suas condições de possibilidade. Neste relato, o que deve aparecer são as configurações que deram lugar a essa forma de prática. No caso específico do teatro jesuítico, assumindo também, sem reservas, o seu papel terapêutico aristotélico, cristianizado (de cura das almas) e pedagógico (propedêutico à ação apostólica), seus constitutivos.

Faz-se necessário um esclarecimento preliminar, entretanto, que advém da própria historicidade que, no tempo, no espaço e no contexto, envolveu a palavra “teatro”. Tomo aqui a “palavra” e a “coisa” no sentido sério e irônico, confessado por Foucault (FOUCAULT. 1986: 56). De fato, definir “teatro” é um problema sério, mas não pode deixar de ser irônico, por exemplo, o fato de não se encontrar o verbete teatro, enquanto substantivo, num trabalho centrado no tema (PAVIS. 1996), internacionalmente reconhecido. Aí, com efeito, “teatro” aparece somente adjetivado. Parece revelar-se, assim, toda a historicidade do significante “teatro”, a impossibilidade de a ele se referir a não ser de modo plural, como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”, retomando as palavras de Foucault.

Com essas observações, não se pretende negar aqui a existência de uma precisa relação social, uma interação simbólica e uma estética específicas do teatro³. Muito menos, tem-se a intenção de abrir uma discussão teórica sobre as condições epistemológicas dos estudos teatrais, nos limites deste trabalho. Mais simplesmente, pretendo delimitar um campo, fundamentar uma escolha: escrever “uma” história da emergência de uma “prática discursiva”, o teatro jesuítico do séc. XVI, no espaço colonial da América portuguesa, buscando as suas condições de possibilidade e possíveis especificidades.

É disso que se trata: do caráter instituinte de qualquer texto. O teatro jesuítico institui a si mesmo, atualizando um certo interdiscurso e as suas condições de produção – representacionais, imagéticas, epistemológicas. Ao mesmo tempo, cria ou transforma práticas no campo discursivo no qual abre espaço. Em outras palavras, essa prática cria o solo em que se apóia. Na qualidade de enunciadora e enunciada, a Companhia de Jesus, institui uma ordem e institui-se numa ordem – naquilo que Foucault reconhece como uma *formação discursiva*⁴.

²Permito-me um contraponto a Foucault.

³ Verbetes *Especificidade teatral*. Aí se encontra uma síntese da problemática. (PAVIS, 1996: p. 138-140).

⁴ “No caso em que se puder escrever, entre um certo número de enunciados, [um] sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Itálicos meus. (FOUCAULT. 1986: 43)

Resta sublinhar uma noção de discursividade “não circunscrita em pequenas ilhas de coerência” (FOUCAULT. 1986: 43), mas como um “dispositivo que abre seus caminhos, que negocia continuamente através de um espaço saturado de palavras, palavras outras” (MAINGUENEAU. 1989: 95) A questão da identidade, portanto, estaria inserida nessas negociações.

Talvez, a raiz dessa ambigüidade do teatro jesuítico ser ou não ser *teatro* possa situar-se melhor se for lido a partir daquilo que Maingueneau definiu como “rede interdiscursiva” que, de uma maneira geral, é ignorada pelos que se ocuparam do tema. Esta corresponde às diferentes formulações possíveis dos enunciados no interdiscurso.

Ora, o teatro jesuítico afirma-se num confronto com outras formas de fazer teatro, que emergiam contemporaneamente, condenadas pela Igreja. A sua formulação, como, aliás, qualquer formulação, segundo Maingueneau, estaria colocada na intersecção de dois eixos. Por um lado, no “vertical” do pré-construído, do “domínio da memória” (enquanto inscrito na História), representado pelo interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal (formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações) – no caso, aqui analisado, tomam a idéia de “teatro”, recusam-na e transformam-na. Mais do que de um processo de “ancoragem” (JODELET. 1992), reconhece-se um mecanismo, capaz de “fagocitá-lo”. Por outro lado, no “horizontal”, da linearidade do discurso que oculta o primeiro eixo, pois, o sujeito enunciativo é produzido como se interiorizasse o pré-construído que a sua formação discursiva impõe – no caso, fala-se e pratica-se o “teatro”, segundo as regras da sua existência instituídas no âmbito da Companhia, deslegitimando, ou mesmo ignorando, qualquer outra sua forma possível de existir (MAINGUENEAU. 1989:114-116).

Assim, para que aquela prática teatral se pudesse afirmar, utilizando um sintagma nominal como “teatro”, que pertence ao domínio de memória, com as predicções que autoriza, a Companhia de Jesus, apesar das dissensões internas, pôde e fê-lo de forma polêmica, em *oposição a*, oposição exatamente ao tipo de teatro considerado, a partir de pressupostos diversos dos que adoto, por muitos analistas como aquele que se situaria na “origem” do teatro moderno. Assim, muito embora possa ser considerado de pleno direito como **um** teatro, assim designado pela própria Companhia, sem deixar de sê-lo, o teatro jesuítico se construiu como o *não-teatro* dos cômicos *dell'Arte*. Talvez, estivesse aí a chave para dirimir discussões que ainda persistem.⁵

Bibliografia:

CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas: 1250 – 1550*. Lisboa: Edições 70, 1993. 2 v

FILIPPI, Bruna. *La scène jésuite: théâtre scolaire au Collège Romain au XVII siècle*. Thèse de Doctorat, Paris, Ècole des Hautes Études en Sciences Sociales, 1984 (datilogr.)

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986

FOUCAULT, Michel. *L'ordine del discorso*. Traduzione Alessandro Fontana. Torino: Einaudi, 1972

⁵Confronte-se, por exemplo, os trabalhos : Filippi. 1984; Olaiola. 1999 e Taviani. 2000.

JODELET, Denise (org.). *Le rappresentazioni sociali*. Napoli: Liguori, 1992

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989.

MOSTAÇO, Edelcio. *Arguição* (digitado)

OLAIZOLA, Ruth. "Les jésuites et l'utopie du 'Comédien honnête' aux XVI e XVII siècles". *Revue de Synthèse*, 4.a s., 2-3, avr-sept, 1999. p. 381-407

PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. Tradução sob direção de J. Guinsburg e M. L. Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999

PAVIS, Patrice. *Dictionnaire du théâtre*. Paris: Dumond, 1996.

TAVIANI, Ferdinando. "Il teatro per i gesuiti: una questione di metodo". In: *Alle origini dell'Università dell'Aquila: cultura, università, collegi gesuitici all'inizio dell'età moderna in Italia meridionale*. Roma, Institutum Historicum SI, 2000. p. 225-250